

Entende-se por tipologia arquitectónica o conjunto das características que definem um edifício, tais como a sua volumetria e implantação, a configuração da cobertura, os materiais e os sistemas construtivos, a distribuição do espaço interior, a proporção e distribuição dos vãos, os vários elementos que definem a fachada e que constituem a modenatura, e a pertença estilística.

Em estudos anteriores verificou-se a prevalência de determinadas tipologias arquitectónicas em períodos históricos definidos, estreitamente relacionadas com os progressos das técnicas de construção, mas também com as modas e as correntes estilísticas vindas de outras culturas, de acordo com as conveniências e interesses dos que, ao longo do tempo, intervieram na edificação.

Num trabalho realizado em 2003¹ foi possível verificar a existência, na Baixa de Lisboa, de cinco tipologias arquitectónicas diferenciadas, consubstanciadas em diferentes modelos construtivos e arquitectónicos. A tipologia pombalina é a dos edifícios cujas fachada e cobertura respeitam os projectos de frentes de arruamentos, estabelecidos pelos arquitectos da Casa do Risco para a reconstrução da Baixa e que, no interior, têm caixa de escada de lanços paralelos e patim intermédio, sem bomba, iluminada por vãos de janela. É ainda caracterizada por um sistema construtivo específico, de paredes exteriores em blocos de pedra aparelhada, e estrutura interior em madeira, com ligações em ferro. A disposição das paredes interiores define uma compartimentação do espaço em que as salas e os quartos estão ligados entre si sem a existência de corredores.

Esta tipologia foi seguida até ao afastamento do Marquês de Pombal e, a partir da década de 1780, um novo modelo começa a impor-se. Os elementos que constituem as fachadas são semelhantes aos dos prédios pombalinos mas a sua disposição já não respeita a ordem estabelecida, as sacadas não se limitam ao 1.º andar e são aplicadas também nos andares superiores. As pequenas trapeiras pombalinas aumentam de proporção tornando-se trapeirões², os beirados vão progressivamente dar lugar a platibandas que por vezes evoluem para frontões e, nos telhados, abrem-se claraboias que, graças à generalização dos espaços entre lanços ditos bombas de escada, iluminam zenitalmente a caixa de escada. No interior dos fogos habitacionais, um dos compartimentos toma uma forma estreita e alongada, que permite um acesso à cozinha sem o atravessamento das salas ou dos quartos, criando-se um corredor curto. Certos autores dão a esta tipologia a designação de *Mariana*, outros de *Tardo-Pombalina*, outros ainda de *Neoclássica*.

A partir da década de 1770 generaliza-se uma nova tipologia apelidada de *Gaioleira*, por manter uma estrutura interior em gaiola de madeira tal como a pombalina, mas muito aligeirada, uma vez que já não é em carvalho mas sim em casquinha o que permitiu uma economia de meios.

Nas fachadas, os nembos ou paredes entre os vãos tornam-se mais estreitos e as varandas dão lugar a simples gradeamentos aplicados entre as ombreiras das janelas de sacada. As coberturas assentam em mansardas revestidas a zinco, e são coroadas por grandes claraboias. A organização do espaço interior dos fogos habitacionais passa a depender de um longo corredor que individualiza o acesso aos diversos compartimentos.

Na viragem do século XIX para o XX, o uso da pedra na constituição das paredes exteriores vai progressivamente ser substituído pelo uso do tijolo maciço e o vigamento de madeira por vigas de ferro. As fachadas abandonam a depuração e o rigor geométrico que permanecia desde o século XVII, e tomam formas exuberantes.

Ainda na Baixa, dita Pombalina, há alguns edifícios de tipologia modernista datados, na maioria, da segunda metade do séc.XX, com estrutura de betão armado, fachadas com grandes vãos envidraçados e coberturas em terraço, e ainda outros que, sendo modernos pelas soluções estruturais e pela organização interior do espaço, apresentam um aspecto exterior que recorre a elementos arquitectónicos do período pombalino mas sem respeitar os materiais, as proporções e a volumetria, e constituem a tipologia neopombalina.

Propomo-nos agora, tomando por base esta classificação, analisar os edifícios existentes num dos eixos transversais da Baixa de Lisboa, justamente, o que une as duas colinas.

A linha de eléctrico que liga os Prazeres à Graça, constitui uma linha de terra ondulante acima da qual se perfilam as frentes dos imóveis intercortadas pelos arruamentos, que traduzem pelas suas formas e disposição, as tipologias urbanas e arquitectónicas praticadas em Lisboa desde meados do séc. XVIII.

A existência de um serviço de transporte público ao longo do eixo urbano em estudo é um factor que terá seguramente contribuído, entre muitos outros, para as alterações a que os imóveis foram submetidos.

Assim, temos como referência a data de 1906 em que o troço de linha entre a Rua da Conceição e a Graça, passando pela Sé, foi inaugurado. A de 1914, em que foi concluído o troço que liga o Largo do Camões à Estrela. E a de 1928, em que foi feita a ligação entre o Largo de Camões e a Rua da Conceição.

Particularmente interessante é seguir a linha de eléctrico pelo percurso que se inicia no alto da Calçada de São Francisco e terminá-lo no Largo da Sé, pois tem-se a visão das cambiâncias da paisagem urbana.

No início da Rua Vitor Cordon, vê-se do lado norte o palacete Iglésias e, do lado sul, a longa fachada de uma grande casa dita “Palácio dos Condes de Bessone”, de tipologia neoclássica, com seis pisos, de vãos regulares e, ao centro, quatro pilastras encimadas por estatuetas que se elevam acima da platibanda de balaústres. Foi construída segundo projecto do arquitecto Giuseppe Cinatti na década de 1860, sobre uma outra casa de três pisos, contruída um século antes, pelos condes da Ribeira Grande, de acordo com as regras pombalinas ainda perceptível na fachada posterior. Em 1940 os pisos superiores são destruídos por um incêndio e o projecto apresentado para a reabilitação prevê o acrescento de um piso acima da cornija com fachada de tipologia neopombalina.

Ao iniciar-se a descida pela Calçada de São Francisco, vemos do lado esquerdo um conjunto de seis edifícios altos e de fachadas estreitas. Na verdade, correspondem a umas casas inicialmente projectadas pelos arquitectos da reconstrução da Baixa, com dois pisos, sendo o piso térreo para um forno de pão e o primeiro andar para alojamento do padeiro. Numa delas ainda subsiste a loja de chão lajeado e a arcada abobadada onde terão existido os fornos. Mas, acima, foram construídos cinco ou seis pisos em momentos posteriores, sobrepondo-se de forma a permitirem também um acesso pelo Largo da Academia de Belas Artes. Pela configuração das caixas de escada, pela forma e disposição dos vãos na fachada, e pela configuração e materiais da cobertura, percebem-se as diferentes tipologias arquitectónicas

correspondentes aos diferentes períodos de construção, o primeiro pombalino, o segundo gaioleiro, e os últimos pisos e cobertura já modernistas ou mesmo neopombalinos.

Do lado direito da mesma calçada, vêem-se fachadas de um só piso, enganadoras, já que correspondem a andares modernistas acrescentados aos edifícios pombalinos do Largo do Município.

Ainda do mesmo lado sul, vemos um espaço não construído, um logradouro ocupado em 1897 pelo elevador de São Julião ou da Biblioteca, cuja plataforma de acesso atravessava em ponte sobre a calçada e apoiava numa plataforma ainda hoje existente defronte da actual Escola de Belas-Artes. Será essa a justificação para que o prédio seguinte não tenha sido ampliado.

Mesmo ao lado vê-se a fachada do Convento da Boa-Hora, cuja planta curva e a disposição ordenada dos vãos produzem um efeito cénico. As características pombalinas mantêm-se com a excepção das trapeiras que foram substituídas por um andar corrido, dito andar ático.

E deixamos para trás o Chiado, com as grandes casas neoclássicas dos comerciantes abastados para entrarmos na malha ortogonal da Baixa, onde se sucedem os enfiamentos das ruas e onde todos os prédios parecem iguais. Mas na verdade a similitude é pura ilusão.

O primeiro quarteirão do lado sul é inteiramente constituído pelo edifício da Caixa Geral de Depósito, de 6 pisos, fachada contínua sem pilastras a dividi-la, e cobertura neopombalina. Resultou de uma operação imobiliária que demoliu os edifícios existentes incluindo a Igreja da Conceição, uma das igrejas da Baixa bem integrada na malha envolvente, que rematava o quarteirão a poente.

No quarteirão do lado oposto há um edifício com a loja e os primeiros três pisos respeitando o disposto no Cartulário Pombalino mas com um quarto piso já de tipologia neoclássica com varanda corrida, e trapeirões na cobertura. Contiguo está o edifício do antigo Banco de Fomento Nacional, com seis pisos e cave, cuja fachada de tipologia ecléctica, é caracterizada por um corpo central em ressalto onde se abrem largos vãos de janela com guardas de ferro forjado ao gosto da Arte-Nova, e profusamente decorada com elementos relevados representando figuras humanas, cabeças de leão e composições florais. O projecto, da autoria do arquitecto Miguel Nogueira, data de 1922 e, na disposição do espaço interior, apresenta uma liberdade que não se encontra nas tipologias dos períodos anteriores, só possível pelo uso de novos materiais como o vigamento em ferro. Quanto à cobertura, reproduz o modelo da mansarda gaioleira.

No quarteirão seguinte, os dois edifícios pré-existentes foram inteiramente demolidos no seu interior e muito alterados pelo exterior, para dar lugar a um único prédio cujas fachadas não respeitam o disposto no Cartulário Pombalino uma vez que apresentam varandas sobre a Rua da Conceição que, por ser uma transversal, as não deveria ter, e acrescentam dois pisos, um de varanda corrida e outro de trapeiras neopombalinas. É obra do ano 1993. Mas a fachada do piso térreo é actualmente de tipologia modernista, resultado de várias transformações, a primeira documentada em 1915, a segunda em 1937, a última de 1998.

Na esquina da Rua do Ouro com a Rua da Conceição, do lado noroeste, há um edifício que exteriormente ainda apresenta as características pombalinas na fachada e na cobertura, estando já edificado em 1769³, mas a escada é de tipologia gaioleira, já na transição para o séc. XX.

Mais à frente, ainda do lado norte, uma outra fachada ostenta sobre cada moldura de janela um entablamento sobreposto de frontão. Novo enigma: no plano pombalino para a Baixa só há entablamentos nas duas praças, a do Rossio e a do Município e no eixo da Rua da

Alfândega/Rua do Arsenal, e nunca frontões. De quando datarão estes elementos tão estranhos ao local e, no entanto, já tão assimilados? Por uma petição de 1877 percebemos que o local foi ocupado pelo Banco União de Portugal e Brasil que pretendeu transformar janelas de peito em sacadas mas que não o terá feito. Porém as cantarias das molduras foram alteradas e datará dessa altura a aplicação dos entablamentos. Quanto aos frontões sabemos que foram colocados por um outro banco, o Crédit Franco Portugais, em 1901. O interior foi nessa altura muito alterado, tendo sido feita uma cave, também com recurso ao vigeamento de ferro.

Quanto ao 5.º andar, de varanda corrida, foi construído em 1882 tendo, antes disso, uma cobertura de tipologia pombalina, com duas trapeiras para cada rua.

Recentemente, a ocupação do edifício por uma multinacional de vestuário levou à total demolição do interior e à alteração da fachada do piso térreo.

Olhando para o outro lado da Rua da Conceição vemos uma fachada de azulejos com um quarto andar de varanda corrida assente sobre mísulas, e coroado por uma balaustrada. Se entrássemos no átrio verificávamos que a caixa de escada é de tipologia pombalina, e até ainda tem um lambrim de azulejos da mesma época. O edifício é da década de 1770⁴ mas, o quarto andar foi edificado em 1864 conforme o projecto existente. Os azulejos que revestem a fachada, de estampilha manual, são posteriores, talvez de finais do séc. XIX.

Ainda no mesmo quarteirão, fazendo esquina para a Rua Augusta, há um outro prédio onde acima dos três andares de tipologia pombalina, foram, em 1885, construídos mais um quarto piso de varanda corrida e um quinto piso em mansarda de tipologia gaioleira. Sobre os lintéis dos vãos do piso térreo há frontões curvos, decorados ao gosto eclético tal como os portões de ferro, resultantes de obras executadas em 1922. O projecto não está assinado por um arquitecto mas tem o carimbo do construtor civil e de um engenheiro.

Passada a rua Augusta vê-se, do lado direito, uma frente de quarteirão com quatro edifícios, onde predomina a tipologia pombalina, com fachadas de três andares acima das lojas e coberturas de duas águas formando beirado e trapeiras de telha. Terão sido construídos entre 1770 e 1780. Desse conjunto, apenas um edifício data dos anos 1790 e é nesse que vemos, acima dos três andares pombalinos, um andar ático ainda com as velhas janelas de guilhotina à inglesa, encimado por uma cobertura de tipologia pombalina. Os quartos andares, em desrespeito pelo Cartulário Pombalino, edificavam-se portanto, já nos finais do séc. XVIII.

Nessa mesma frente há uma correnteza de retrosarias, que se inicia com a *Retrosaria Bijou*, de fachada e interior ao estilo Arte-Nova, logo seguida da *Retrosaria Nardo* – *Mário Ramos* que apresenta uma fachada incharacterística, de vão rasgado com ângulos cortados, procurando evocar o lintel tripartido das molduras pombalinas, num gosto neo. Ainda assim, houve um projecto para esta montra, também Arte-Nova, que dava continuidade à da Bijou, então Papelaria Luso Brasileira. Não é certo que tenha sido construído pois data de 1927, momento em que as curvaturas do estilo Arte-Nova caíam em desuso para darem lugar às formas geométricas simplificadas da Art-déco.

Chegando à Rua da Prata vê-se, do lado sul, um prédio de esquina com fachadas e cobertura de tipologia pombalina. Exceptuando o piso das lojas em que a fachada sofreu alterações, os três pisos superiores respeitam o Cartulário, com sacadas no primeiro andar sobre a rua principal e janelas de peito para a rua secundária, assim como a cobertura e as trapeiras alternadas. Curiosamente, a escada é de tiro, com dois lanços seguidos como nas tipologias pré-pombalinas. Só a partir do segundo andar a escada segue o modelo pombalino. Também

no interior dos fogos se vê, num levantamento feito em 1938, que a chaminé do primeiro andar é maior do que as dos pisos superiores. O imposto da Décima da Cidade aponta para que a construção seja da década de 1770⁵, mas as diferenças tipológicas interiores apontam para uma construção faseada.

Neste ponto, a Rua da Conceição ganha inclinação para iniciar a subida da colina do castelo, e para solucionar as diferenças de cota os arquitectos pombalinos recorrem a um piso intermédio, a sobre-loja.

Já no Largo da Madalena vê-se, à esquerda, o prédio que Ratton refere como sendo “a casa de João d’Almada, sita no Largo da Madalena, que resistiu ao terramoto”⁶. Olhando de perto percebe-se que as molduras dos vãos dos três primeiros pisos são diferentes das desenhadas pelos arquitectos da reconstrução da Baixa. São provavelmente anteriores ao terramoto mas, acima do segundo andar, os pisos foram acrescentados durante o século XIX, já que o próprio Ratton, tão crítico quanto à generalização de aumento de pisos, os não refere.

O prédio contíguo só foi construído em 1943, até então mantinha-se uma barraca semelhante às que foram construídas após o sismo de 1755 e a que Pombal muito se opôs. O edifício actual tem uma estrutura de betão armado, mas a fachada, o arco do átrio e mesmo os azulejos de figura são de tipologia neopombalina.

Inicia-se a subida da Rua de Santo António da Sé e logo vemos a frente do quarteirão que pertenceu ao próprio marquês de Pombal. A edificação é da década de 1770 mas, se os elementos arquitectónicos são idênticos aos propostos pelo Cartulário Pombalino para a Baixa, a sua disposição já o não é. A fachada têm só dois pisos acima da sobreloja e as coberturas são de telhado germânico ou de águas sobrepostas, onde assenta um nível de trapeiras. Na loja, antiga cocheira, foi instalada em 1896 uma oficina de confeitaria.

Continuando a subir a rua temos à esquerda o Largo de Santo António da Sé.

A sul, fazendo esquina para a Rua da Padaria, a loja que é actualmente uma pastelaria foi, em 1907, uma leitaria com espaço para quatro vacas. O edifício tem fachada pombalina, com loja e dois pisos, mas acrescida de piso ático.

Num dos prédios dessa frente de rua há um terceiro andar em telhado germânico e, acima deste, águas furtadas com trapeiras, repetindo a disposição do quarteirão do marquês de Pombal. Percebe-se que, se para esta rua não foi essa a determinação do plano, foi ainda assim a adoptada pelos construtores.

Finalmente, e concluído o percurso, estamos na Sé e vemos defronte a grande fachada do edifício da Rua Augusto Rosa. É constituído, por um piso térreo de lojas, um primeiro andar de vãos de sacada e mais dois andares de janelas de peito com as molduras de cantaria lisas, sem recortes como nas ruas de terceira ordem existentes na Baixa. Acima da cornija, há uma varanda corrida encimada por uma platibanda. Observando os levantamentos arquitectónicos verifica-se que até ao terceiro andar, a divisão do espaço interior, com os compartimentos ligados entre si recorrendo apenas a um pequeno corredor, é de tipologia neoclássica. No logradouro foi construído em 1928, um barracão para oficina de artigos de malha, anexo esse que será ampliado nos anos seguintes.

Em sùmula, da observação dos edifícios obtida pelo corte transversal da Baixa feito pela linha de eléctrico, conclui-se:

1. Dos 68 edifícios, só 13 mantêm a volumetria pombalina e 14 têm características tipológicas neoclássicas. Dos restantes, 3 são de tipologia ecléctica, 4 são neopombalinos. Os outros 34

são o resultado de construção faseada, em que se construiu piso a piso, conforme os meios disponíveis, a abertura da legislação, e os ventos da moda soprando de outros países. E isso poderá ter acontecido, em certos casos, logo no séc. XVIII desde as primeiras obras de reconstrução, em que foram construídos os primeiros pisos e só mais tarde foram construídos os seguintes.

2. A homogeneidade deste eixo urbano é conseguida pela permanência das características tipológicas das fachadas a nível do 1.º, 2.º e 3.º andares. O rés-do-chão e os andares acima do terceiro são díspares entre si.

3. A ocupação do espaço varia ao longo do percurso, estando actualmente as grandes residências do séc. XIX da Rua Vitor Cordon, ocupadas por serviços.

Também na Rua de São Francisco, pela comunicação vertical tanto com o Largo da Academia de Belas Artes, como com a Praça do Município, predomina a ocupação por serviços. Os espaços de tipologia pombalina projectados para os fornos, são hoje ocupados por comércio de antiguidades, por garagens, e por uma tipografia.

4. Na metade poente da Rua da Conceição há, desde os finais do séc. XIX, uma forte concentração de instituições bancárias que ainda detêm a propriedade. Esses prédios foram emparcelados e muito alterados, com a substituição da estrutura de madeira pela de betão armado, abertura de caves e acrescentamento de pisos, com as fachadas e as coberturas de tipologia neopombalina. Estão hoje desocupados ou subocupados.

Na metade nascente da Rua da Madalena, predominam as tipologias pombalina e neoclássica nos primeiros andares que estão parcialmente ocupados pelos armazéns das lojas, estando os segundos e terceiros andares ocupados por serviços e, nos últimos, os pisos de tipologia gaioleira construídos nas três últimas décadas do século XIX estão sobretudo ocupados com habitação. Mas há muitas áreas devolutas.

Quanto às actividades comerciais, o ramo de retosaria que perdura desde os inícios do séc. XX, ainda é o predominante.

Na Rua de Santo António à Sé e na Rua Augusto Rosa, é a tipologia pombalina a mais frequente, e verifica-se que durante o séc. XX houve uma maior incidência de pequenas actividades industriais como a fábrica de lanifícios, a oficina de confeitaria ou mesmo a vacaria. Hoje, dos espaços dessas lojas, cerca de 50% estão encerrados.

A ocupação residencial é residual.

¹ Carla Brito, Clara Vieira, Cristina Pereira, Isabel Amaro e João Couceiro, *Os prédios da Baixa Pombalina, no início do séc. XXI*. Edições CML. Lisboa, Dez. 2004.

² Carita, Helder. *Bairro Alto, Tipologias e Modos Arquitectónicos*. Edições CML. Lisboa, 1994.

³ REIS Ana Rita, SIMÕES Maria José de Freitas e RODRIGUES Susana, *A Décima da Cidade: contributo para a datação do edificado da Baixa*. Revista Monumentos, n.º 21, p.59. Set. 2004.

⁴ REIS, SIMÕES e RODRIGUES, obra citada.

⁵ Revista Monumentos n.º 21. Artigo citado.

⁶ RATTON, Jacome, *Recordações de Jacome Ratton sobre ocorrências do seu tempo em Portugal, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. Fenda Edições, Lda. 3.ª edição. 1992.

Documentação consultada:

Plantas e fotografias antigas – Arquivo Municipal de Lisboa.